

MANOEL URBANO

ONTEM E HOJE

ROGÉRIO CAVALCANTE

2ª Edição

Rio Branco – Acre

2014

MANOEL URBANO  
ONTEM E HOJE

ROGÉRIO CAVALCANTE

Escritor, atuando principalmente como romancista, contista e poeta.

Rua Pastor Jeremias, nº 65, Conjunto Universitário II, Quadra 23, Casa 21  
Conjunto Universitário - Rio Branco – Acre / CEP 69.917 – 714

E-mail: [rogcavalcanti53@gmail.com](mailto:rogcavalcanti53@gmail.com)

2ª Edição – 2014

Foto da capa: [www.multicipios.com.br](http://www.multicipios.com.br)

*Copyright* 2014 pelo autor

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução ou a duplicação fotomecânica de todo o volume ou de parte dele sem a permissão expressa do autor.

ISBN 978-85-914146-4-2

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cavalcante, Rogério  
Manoel Urbano: ontem e hoje / Rogério  
Cavalcante. -- 2. ed. -- Rio Branco, AC :  
Ed. do Autor, 2014.

1. Manoel Urbano (AC) - História I. Título.

14-03994

CDD-981.12

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Manoel Urbano: Acre : Estado : História 981.12

## SUMÁRIO

Apresentação

Poema a Manoel Urbano

I – A formação do Acre e do povo acreano – pg 9

II – Expedições à Região do Rio Purus – pg 16

Manuel Urbano da Encarnação – O maior navegador da Amazônia – pg 18

William Chandless – pg 23

III – A colonização do Vale do Purus – pg 28

João Gabriel de Carvalho e Mello – O fundador do Acre – pg 29

IV – A Revolução Acreana começou no Alto Purus – pg 33

V – A épica expedição de Euclides da Cunha à Região do Alto Purus – pg 78

VI – A história do município de Manoel Urbano – pg 84

Manuel ou Manoel Urbano? – pg 84

Evolução administrativa de Manoel Urbano – pg 84

Os irmãos João e José Moaco se instalam no Seringal Nazaré – pg 84

- Os irmãos Jacinto e Valentim Ferreira Lima – pg 85
- Informações socioeconômicas / Dados estatísticos – pg 93
- Informações gerais – pg 98
- Terra indígena Alto Purus – pg 99
- Parque Estadual Chandless – pg 100
- Aspectos físicos – pg 100
  - Aspectos ecológicos – pg 101
  - Aspectos econômicos – pg 102
  - Aspectos humanos – pg 104
  - População indígena de Manoel Urbano – pg 105
  - Costumes e tradições – pg 108
  - Comércio – pg 109
  - Educação – pg 111
  - Saúde – pg 113
  - Locais de lazer e turismo – pg 116
  - Religião – pg 116

- O progresso de Manoel Urbano – pg 119
- Gente da história de Manoel Urbano – pg 124
- Outros dados históricos – pg 126
- Prefeitos – pg 128
- Vereadores – pg 130
- Filhos ilustres – pg 133
- A Bandeira – pg 135
- O Hino – pg 136

#### VII – A vida nos seringais e aldeias do Purus – pg 138

- Estradas da Amazônia – pg 150
- Sobre a friagem – pg 157
- Sobre o hábito de comer carne de macaco – pg 171
- Conversando com João Ligeiro no pé de mulateiro – pg 175

#### VIII – A cultura amazônica: costumes, lendas, danças, festas e culinária – pg 177

- Rituais e costumes – pg 178

- Lendas amazônicas – pg 179

- Festival de Praia e a Festa do Pirarucu em Manoel Urbano – pg 188

- Culinária amazônica – pg 189

IX – Plantas medicinais nativas da Amazônia: uma riqueza ainda pouco explorada – pg 196

X – Desbravando a região do Alto Purus – pg 260

Odontologia e os índios da Amazônia – pg 266

Bibliografia consultada

Informações sobre o autor

## Apresentação

Este livro foi feito especialmente para mostrar o município de Manoel Urbano, no Estado do Acre, às pessoas que ainda não o conhecem e, ao mesmo tempo, despertar o interesse dessas pessoas a visitarem a região do Alto Purus.

Esta obra também vai servir para que todos os murbanenses divulguem a sua cidade, mostrando o seu passado, o que ela tem de bom, os seus costumes e tradições, os filhos ilustres da terra e outras informações que vão ser citadas neste informativo e histórico, sempre na esperança de estar lhes mostrando um caminho melhor.

Ofereço este humilde livro para todos aqueles que ajudaram a construir a cidade de Manoel Urbano, que trabalharam em prol de seu desenvolvimento.

Rogério Cavalcante

O “Poema a Manoel Urbano”, eu o fiz em homenagem tanto ao maior navegador da Amazônia, como ao município de Manoel Urbano, onde morei, trabalhei e fui honrado com o título de “Cidadão Murbanense”.

#### POEMA A MANOEL URBANO

Antes só havia a selva e o rio,  
o índio, a lua e o sol fulgente,  
mas na vastidão das águas do  
Purus, por entre matas somente,

corria mansa, impávida, soberba,  
triumfante, a embarcação do ufano  
navegante, valente Manuel Urbano,  
ávida para um mundo novo descobrir.

Sair por alvas e calmas praias,  
explorar a terra fértil, de chão úmido,  
fez dele vero homem do mundo,  
laurel da comuna murbanense.

E eis que da margem purusina,  
sob a luz de Nossa Senhora da Penha,  
surge a imagem, feito menina,  
de uma nova cidade acriana.

## **I - A formação do Acre e do povo acreano**

O Estado do Acre é banhado por duas grandes sub-bacias hidrográficas do Rio Solimões/Amazonas:

1)A sub-bacia do Rio Purus e seus principais afluentes: Acre, Antimari, Riozinho do Rola, Iaco, Macauã, Caeté, Chandless e Xapuri;

2)A sub-bacia do Rio Juruá e seus principais afluentes: Juruá-mirim, Amônia, Paraná dos Mouras, Valparaíso, Breu, Tarauacá, Gregório, Envira, Jurupari, Muru e Moa.

O Acre possui fronteiras internacionais com o Peru e a Bolívia e nacionais com os Estados do Amazonas e Rondônia. No extremo ocidental, situa-se o ponto mais alto do Estado, onde a estrutura do relevo é modificada pela presença da Serra do Divisor, uma ramificação da serra peruana de Contamana.

Os solos acreanos abrigam uma vegetação natural composta principalmente por florestas, classificadas em Floresta Tropical Densa e Floresta Tropical Aberta, caracterizadas pela sua heterogeneidade florística de alto valor econômico. O clima, por sua vez, é do tipo equatorial quente e úmido.

A hidrografia acreana é bastante complexa e sua drenagem bem distribuída, sendo formada pelas sub-bacias hidrográficas do Juruá e do Purus, que são afluentes da margem direita do Rio Solimões.

A extensão total do Rio Juruá é de 3.280 km. Ele nasce no Peru a 453 m de altitude com o nome de Rio Paxiúba, unindo-se depois com o Rio Salambô e passando daí por diante a ser chamado de Rio Juruá. Atravessa a parte noroeste do Estado do Acre no sentido Norte-Sul, entrando posteriormente no Estado do Amazonas e desaguando no Rio Solimões.

Como a sub-bacia do Juruá drena uma vasta área no Estado do Acre, ela engloba terras de vários municípios: Marechal Thaumaturgo, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Mâncio Lima, Porto Valter, Feijó e Tarauacá. Desses municípios existentes na sua bacia, o Rio Juruá corta apenas três, sendo eles Marechal Thaumaturgo, Cruzeiro do Sul e Porto Valter, ficando os demais às margens de seus afluentes.

O Rio Juruá possui pela margem direita treze principais afluentes: Acuriá, Breu, Caipora, Envira, Grajaú, Gregório, Humaitá, Jurupari, Natal, São João, Tarauacá, Tejo e Valparaíso. E outros dez afluentes importantes pela margem esquerda: Amônia, Aparição, Juruá-mirim, Moa, Muru, Ouro Preto, Paraná dos Mouras, Paratati, Rio das Minas e São Luiz.

Quando ainda inexplorados, os Rios Purus e Juruá cativaram o imaginário europeu desde os primeiros séculos da sua conquista. CUZCO, a capital do Império INCA, foi considerada a fonte desses dois grandes rios opulentos de riquezas: ouro, salsaparrilha, plantas medicinais, tartarugas, peixes, etc. Suas margens eram o *habitat* natural de tribos fantásticas

que protegiam seus tesouros e cuja ferocidade era temida pelos brancos.

No Purus, diz a lenda amazônica, havia índios gigantes que se enfeitavam com folhas de ouro, outros que penduravam argolas desse metal no nariz e nas orelhas. A primitiva geografia do Purus e Juruá foi uma geografia de mitos: no primeiro, a nação dos índios gigantes; no segundo, o país dos anões e dos homens caudados (Leandro Tocantins, 1979). Se essas imagens fazem parte da lenda da região, o ouro acreano materializou-se no **leite vegetal** no final do século XIX. Na historiografia do Acre, a diversidade nativa se confunde, geralmente, com a natureza a ser explorada ou é apresentada como um estado primitivo de humanidade. Antes da **epopeia da borracha e da chegada dos seringueiros**, a região acreana é tida como não tendo história. Alguns livros da historiografia acreana ilustram perfeitamente essa ideia: “A formação histórica do Acre” (Leandro Tocantins, 1979); “O último oeste: A conquista do Acre” (Oliveira, 1992), “A conquista do deserto ocidental” (Costa, 1998); “Acre: Uma história em construção” (Calixto, 1985).

Para a história oficial, o povo acreano se formou a partir da chegada dos seringueiros, cuja tarefa foi domesticar a natureza e os índios que faziam parte dela. A região apresenta-se como uma “terra virgem”, um “deserto” onde o imaginário do *inferno verde* se mistura às esperanças do Eldorado; a “última página, ainda a escrever-se, do Gênesis” nas palavras de

Euclides da Cunha, assim nos fala o historiador Leandro Tocantins, em sua obra “A Formação Histórica do Acre”:

“O Acre foi obra dos seringueiros, heróis anônimos, desesperadamente instalados numa região hostil, mas promissora. Com audácia e bravura, o extraordinário nordestino penetrou laboriosamente a selva, desafiando a natureza e as flechas envenenadas dos “índios selvagens” para conquistar palmo a palmo o território e integrá-lo à nação. Como o bandeirante, o seringueiro deflorou a floresta e domou a natureza caótica. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe à vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho (...). Há alguma coisa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza.

E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável, se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heroicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhe, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável.” (Euclides da Cunha, 1909)

De forma semelhante, o seringueiro civilizou o índio. No momento da conquista do Acre, as populações indígenas são vistas como um obstáculo à exploração da borracha. Quando é apontada pelos autores, a presença nativa é apenas considerada como um freio suplementar ao avanço inevitável e benfeitor do “Progresso” e da “Civilização”. Para os índios, o contato com os seringueiros traduziu-se numa forte queda populacional e na extinção de vários grupos. Se os povos mais vigorosos resistiram corajosamente à conquista de seus territórios, seus atos reforçam

geralmente a grandeza e o heroísmo dos colonizadores. A diversidade das sociedades indígenas e a riqueza de suas culturas são geralmente ocultadas ou pouco mencionadas. Os índios em si não atuam diretamente na “invenção” do Acre. Mesmo quando considerados humanos, os povos indígenas continuam fazendo parte da natureza. Com a chegada dos seringueiros, os povos “sem história” se tornaram apenas objeto de uma história que se constrói sem eles ou sobre eles, raramente com eles. Mal inevitável, mas superável, o destino do índio é a “civilização” ou o extermínio e uma dicotomia se estabelece rapidamente entre o índio “civilizado” ou “manso” e o índio “brabo”.

Nas últimas décadas, o desenvolvimento dos estudos de arqueologia e de etnohistória contribuíram fortemente para rever a imagem da Amazônia como uma “terra virgem”, ou exclusivamente habitada por pequenos grupos isolados e mostraram a amplitude do genocídio das populações nativas desde os primeiros séculos da conquista europeia. Como a Amazônia, de uma maneira geral, o Acre era o habitat de uma grande diversidade de povos. Segundo Calixto (1985), cerca de 60 mil índios, representando uns 50 grupos étnicos, viviam na região acriana no início do século XIX. As **correrias** organizadas pelos seringueiros brasileiros contra os índios foram frequentemente subestimadas pelos historiadores brasileiros que atribuem geralmente as mortes maciças de nativos aos caucheiros peruanos. Dizimados pelos massacres e as doenças, muitos grupos foram extintos, outros encontraram refúgio nas cabeceiras dos rios, mas a maior parte do contingente nativo foi, no entanto, incorporada à economia extrativista da borracha, vivendo sob domínio dos padrões brancos até a década de 1980.

Como seringueiros, para a história oficial, os índios do Acre se dissolvem na categoria genérica de “caboclo”. Como mostrou Cardoso de Oliveira no seu trabalho com os índios Tikuna do Amazonas, a identidade “caboclo” é essencialmente uma identidade negativa imposta pelos brancos e incorporada pelos índios (Cardoso de Oliveira, 1976). Se ele se distingue do “brabo”- o índio “selvagem” com traços animais-, o “caboclo” acriano é caracterizado por um conjunto de atributos

negativos (ladrão, preguiçoso, traidor, etc.) que marcam sua inferioridade em relação ao branco (Valle de Aquino, 1977). De uma maneira geral, considerando o lugar atribuído ao índio pela historiografia acriana, podemos dizer que a “questão indígena” foi um detalhe na conquista e na integração do Acre ao Brasil. Exterminados, “civilizados” ou isolados em áreas remotas, cujas riquezas ainda não haviam sido cobiçadas, durante a maior parte do século XX, os povos indígenas acrianos desapareceram de uma história oficial que nunca os considerou como atores. Símbolo dessa invisibilidade da questão indígena, a FUNAI começa a atuar realmente na região apenas em 1975. Até essa data, as raras viagens de funcionários do SPI, ligados à Inspetoria Regional de Manaus, legitimaram os padrões seringalistas e alguns políticos locais como representantes do órgão. Até a intensificação das políticas desenvolvimentistas a partir da década de 1970, as instituições governamentais e importantes segmentos da sociedade acriana desconheciam a existência de populações indígenas no Estado (Valle de Aquino e Iglesias, 1999).

Essa concepção dos índios como “homens naturais” também se encontra na obra do naturalista português Alexandre Rodrigues Ferreira. Apesar de sua obra conter vários estereótipos sobre os povos indígenas acrianos e participar da construção do “amazonismo”, cabe notar o interesse de Castello Branco (1950) em apresentar a diversidade nativa da região. Caso dos Nauá (ou Nawá), por exemplo, cuja história é fascinante. Esse grupo da família etnolingüística Pano vivia nas proximidades da atual cidade de Cruzeiro do Sul, também conhecida localmente como “a Terra dos Nauá”. Valorosos guerreiros, os Nawa resistiram com as armas à penetração dos seringueiros até seu “extermínio oficial” que aconteceu, segundo a historiografia regional, no final do século XIX e início do século XX. Durante as décadas que seguiram o “extermínio” desse povo indígena, a sociedade cruzeirense fez do nome “Nawa” um símbolo da cultura e da identidade local. Existe, hoje, em Cruzeiro do Sul, o Teatro dos Nawa, o café nawa, o guaraná nauense, etc. Imprevisto e ironia de uma história mal contada, depois de um século de silêncio, os

Nawa “reapareceram” no ano 2000 no Parque Nacional da Serra do Divisor!”

No Acre, primeiramente ocorreu o período de reconhecimento e exploração da região dos Rios Purus, Acre e Juruá, durante as décadas de 1850 e 1860, com a presença dos conhecidos “diretores de índios.”

Depois veio o período conhecido como “1º Ciclo da Borracha”, que nas regiões de Belém, Santarém e Manaus já se iniciara em 1827 e na região do Baixo Purus desde 1857, mas no Estado do Acre só ocorreu a partir de 1877, quando João Gabriel trouxe os primeiros cearenses que abriram os seringais do Alto Purus, situados às margens dos Rios Purus, Acre e Iaco, principalmente.

Nas terras do atual Estado do Acre houve primeiramente uma invasão pacífica dos cearenses. Só em 1878 vieram mais de 11.000 cearenses para o Acre, motivado principalmente pela grande seca de 1877 a 1879 no Ceará. Só durante essa terrível seca, segundo o escritor cearense Rodolfo Teófilo, em sua obra “A Fome”, calcula-se que um terço da população do Ceará (cerca de 500 mil pessoas) tenha ido embora (cerca de 300 mil) ou morrido de fome e de sede (cerca de 200 mil). Desses 300 mil que foram embora, a sua grande maioria veio povoar as margens dos rios e seringais da Amazônia (Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Acre e Rondônia).

O escritor Flávio Paiva, no seu livro “Mobilização Social no Ceará” afirma que sem a participação dos cearenses na sua conquista e colonização, certamente o Acre seria hoje um território norte-americano dentro da América do Sul.

A descendência de significativo percentual da população do Estado do Acre confirma a origem nordestina do Acre, principalmente de cearenses, na sua busca pela sobrevivência, quando das secas, emigrando para a Região Norte, fenômeno demográfico que a partir da década de 1950 do século XX voltou-se majoritariamente para a Região Sudeste, quando da ênfase à industrialização do país.

No início da segunda metade do século XIX, com o objetivo de facilitar a instalação de futuros colonos na região do Purus, para conhecer os rios e amansar os índios, e ainda objetivando a comunicação e o transporte de gado entre o Brasil e a Bolívia, o presidente da Província do Amazonas patrocinou expedições à região do Purus.

## **II - Expedições à região do Rio Purus**

Em 1852, o paraense e diretor de índios **João Rodrigues Cametá** organizou a primeira exploração do Purus, realizando uma expedição que durou 53 dias de navegação em canoa até o Sepatini, de onde retornou em decorrência da grande cheia do rio.

Ainda em 1852 saiu de Manaus com destino à região do Alto Purus o cabo pernambucano e diretor de índios **Serafim da Silva Salgado**, que relatou a existência dos Rios Acre e Iaco (ambos afluentes da margem direita do Purus). É tido como o Revelador do Rio Acre.

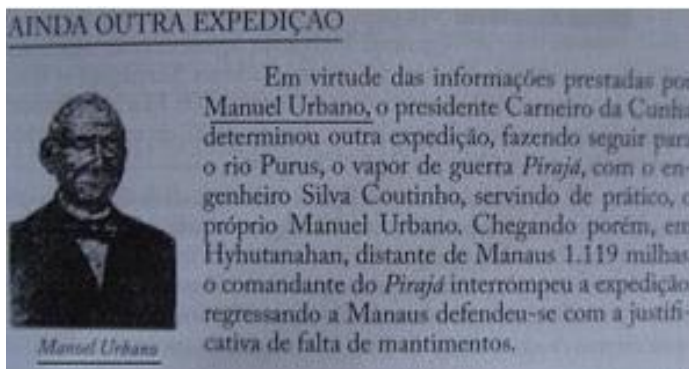
Mas o conhecimento das terras hoje acreanas só começou em **1861**, quando **Manuel Urbano da Encarnação** navegou pela Bacia do Rio Acre, viajando por 20 dias até as suas cabeceiras.

Ainda em 1861, Manuel Urbano da Encarnação e o seu filho Gil Braz da Encarnação subiram o Rio Purus e chegaram até a foz do Rio Chambuiaco dentro do Peru. Nessa viagem eles constataram a existência do Rio Araçá (atual Rio Chandless) e também encontraram uma conexão entre o Purus e a Bacia do Juruá.

Em 1862 Manuel Urbano acompanhou o engenheiro e cientista João Martins da Silva Coutinho em expedição pelo Rio Purus, indo até o Huitanaã.

Em 1864 Manuel Urbano mandou o seu filho Gil Braz da Encarnação acompanhar o geógrafo inglês William Chandless na viagem pelo Rio que hoje se chama Rio Chandless. Chandless e Braz concluíram que não havia comunicação entre os Rios Purus e Madeira através do Rio Chandless.

## MANUEL URBANO DA ENCARNAÇÃO O MAIOR NAVEGADOR DA AMAZÔNIA



Fonte: Texto e foto extraídos de: RIBEIRO, Napoleão. O Acre e seus heróis: contribuição para a história do Brasil. Apresentação do Senador Geraldo Mesquita Júnior. Brasília: Senado Federal, 2008.

**Manuel Urbano da Encarnação** foi diretor de índios nomeado pelo Governador do Amazonas para o rio Purus e seus afluentes. Entre as décadas de 1850 e 1860, ele desempenhou essa função, percorrendo os diversos rios do Vale do Purus, tornando-se seu verdadeiro descobridor. Apesar de não saber ler e escrever, era um homem de grande inteligência, que soube conquistar a confiança de diversos povos indígenas da região. Assim ele preparou o terreno para

o Ciclo da Borracha que se iniciou no Acre, a partir da década de 1870. Assim, Manuel Urbano da Encarnação tornou-se uma figura lendária dos rios Acre e Purus.

Para falarmos da história do Município de Manoel Urbano, devemos primeiramente falar sobre aquele de quem a cidade herdou o seu nome, o desbravador, navegador, indigenista (diretor de índios) e colonizador Manuel Urbano da Encarnação.

Nasceu em 1808, numa aldeia dos índios MURA, no atual município de Manacapuru, nas proximidades de Manaus, Estado do Amazonas, onde trabalhou em companhias de navegação. De acordo com o historiador Castello Branco, Manuel Urbano era um mestiço amazonense, tanto que os índios lhe deram o nome de “*Tapauna Catu*”, que significa “negro bom.” Foi um prático insuperável na arte de navegar os perigosos rios do Amazonas e Acre, além de ser um aprendiz de cartografia. Manuel Urbano se tornou uma verdadeira lenda na Micro-região do Purus e Acre e

seus afluentes, durante a segunda metade do século XIX. Navegou pelos Rios Purus, Ituxi, Araçá (Chandless), Aquiry (Acre), Hyuacu (Iaco), Xapuri e, mais tarde, o Juruá.

Por ser descendente de índios, era querido pelos grupos indígenas da região, tornando-se um diretor de índios muito respeitado. Recebeu a patente de tenente-coronel do Exército Brasileiro por ser o responsável pelos índios Paraná-Pixuna.

Em 1853 foi nomeado diretor de índios pelo governo da Província do Amazonas.

Conta-se que a sua primeira viagem oficial foi a exploração do Alto Purus em 1861, liderando uma expedição a serviço do presidente da Província do Amazonas, Manoel Clementino Carneiro da Cunha, com o objetivo de encontrar alguma comunicação do Rio Purus com o Rio Madeira, em direção à Bolívia, para aquisição de gado e comercialização de borracha.

Era um grande conhecedor da região e nessa expedição explorou os Rios Acre e Xapuri. A ocupação das terras hoje acreanas por brasileiros começou em 1861, quando Manuel Urbano desbravou a Bacia do Rio Acre, viajando por 20 dias até a sua nascente.

Ainda em 1861, Manuel Urbano e o seu filho Gil Braz da Encarnação viajaram pelo Alto Purus e chegaram até a foz do Rio Chambuiaco, até perto do Rio Curanja, localizado acima do atual Município de Santa Rosa do Purus, já dentro do Peru. Nessa viagem eles descobriram a existência do Rio Araçá, posteriormente denominado Rio Chandless e eles descobriram também a passagem do Rio Purus para a Bacia do Juruá, um varadouro localizado nas proximidades da foz do Rio Chandless, do outro lado do Rio Purus.

Em 1862 Manuel Urbano acompanhou o engenheiro e cientista João Martins da Silva Coutinho em expedição para a região do Purus, para encontrarem o varadouro que liga a Bacia do Purus à Bacia do Juruá,

mas só chegaram até o Huitanaã, retornando por causa da grande cheia do Rio Purus naquele ano.

Em 1864 ele auxiliou o geógrafo inglês William Chandless, ministrando-lhe conhecimentos sobre o Rio Purus e ordenou que o seu próprio filho Gil Braz da Encarnação o acompanhasse na viagem até o Rio Araçá, que hoje se chama Rio Chandless, para servir de guia na viagem de exploração desse rio. Chandless e Braz concluíram que não havia comunicação entre o Rio Purus e o Madeira através do Rio Chandless.

Em 1866 Manuel Urbano da Encarnação, finalmente, encontrou a tão procurada ligação entre os Rios Purus e Madeira: subiu o Rio Purus e entrou no Rio Ituxi. Em seguida subiu o Mucuí, passando ao salto do Teotônio, no Madeira. Navegou durante quinze dias e empreendeu uma marcha terrestre por dois dias atravessando o divisor de águas entre a bacia dos dois rios. No seu percurso, contactou diversos povos indígenas, entre os quais os Manchineri, relatando que estes nativos, bastante evoluídos, plantavam, fiavam e teciam o algodão, confeccionando roupas e redes

semelhantes às aquelas usadas pelos bolivianos que desciam o Rio Madeira.

Em 1867, com o auxílio do governo brasileiro, ele mesmo acompanhou o geógrafo William Chandless, em viagem pelo Alto Purus e chegaram até pouco além da confluência do Rio Cavaljani, isto é, eles foram até as vizinhanças da nascente principal do Rio Purus.

Além de navegador e diretor de índios, foi também colonizador, pois em 1874 fundou a cidade de Canutama, às margens do Purus, no Amazonas.

Em 17 de junho de 1897 faleceu aos 89 anos de idade.

### **William Chandless**

**William Chandless**, geógrafo britânico, explorador da Bacia Amazônica na década de 1860. Navegou pelos Rios Purus, Chandless (antigo Rio Araçá), Acre e Juruá. Durante essa época ele morou em Manaus, de onde partia para suas viagens pelos afluentes do Rio Amazonas e contactou várias tribos indígenas.

**William Chandless**, em 1864, foi enviado pela Royal Geographical Society of London para examinar o que havia de concreto sobre a suposta conexão entre os Rios Purus e Madeira. Com equipamentos apropriados, Chandless fez várias medições da extensão dos rios e marcou várias coordenadas, chegando a ilustrar o seu trabalho com um mapa do rio, provando a navegabilidade do Purus e concluindo que ele não nascia nos Andes, como se pensava, não sendo o Rio Madre de D'Íos a sua fonte. O geógrafo inglês também descreveu o relevo, o clima, a hidrografia, a vegetação, a fauna, a vazante e os costumes de alguns povos indígenas. Avançou mais do que as expedições anteriores, mas também não conseguiu encontrar uma passagem para a Bolívia através do Rio Purus.

Tendo como guia o amazonense Gil Braz da Encarnação, filho do grande explorador MANUEL URBANO DA ENCARNAÇÃO, em 1864, William Chandless chegou até o Rio que hoje se chama Rio Chandless, em sua homenagem.

**Chandless** enviou relatórios de suas expedições para a **Royal Geographical Society**, que publicou em sua revista. Em 1866, pelo seu extenso levantamento sobre o Rio Purus, a Sociedade lhe concedeu a Medalha de Patrono. Ainda em 1866 publicou as obras “Ascent of the River Purus” e “Notes on the river Aquiry, the principal affluent of the river Purus.”

A desconhecida língua dos índios do tronco lingüístico ARAWÁ, o *Arauan*, só se tornou conhecida a partir de uma pequena lista de palavras que ele coletou em 1867. Ainda em 1867, Chandless adentrou no Rio Juruá e teve sua viagem interrompida, em decorrência de um ataque dos índios “Nawa” acima da boca do Tarauacá, no local posteriormente denominado Seringal Ouro Preto, pouco acima da foz do Riozinho da Liberdade.

Em 2003, o governo do Acre criou um novo parque estadual na fronteira do Brasil com o Peru, o **Parque Estadual Chandless**, também em homenagem a este explorador inglês. E esse parque fica justamente dentro dos limites do município acreano de MANOEL URBANO.

Localizado na fronteira do Brasil com o Peru, o parque recém-criado contém *habitats* de espécies raras e ameaçadas como a **onça-pintada** e o **mico-de-goeldi**. Sua criação foi uma medida para desencorajar a atividade de extração ilegal de madeira no sudoeste da Amazônia. Essa área impressionante na fronteira do Acre com o Peru abriga ainda raras espécies de **macacos-aranha** e **harpias**. O Parque Estadual Chandless faz parte de um sistema de parques que finalmente vai preservar o patrimônio natural da Amazônia para muitas gerações futuras.

Apesar de reconhecermos o valor de seu trabalho realizado na Amazônia, mais precisamente no Acre, cremos que tanta homenagem para o explorador

William Chandless é um certo exagero da parte das autoridades brasileiras, bem como da parte de alguns organismos internacionais ligados à área da Ciência, que o consideram como o primeiro explorador do Acre. Apesar de sua bravura de ter andado por estas terras e de ter entrado em contato com alguns povos indígenas da região naquela época, entretanto, é bom lembrar que William Chandless não foi o primeiro explorador do Acre. Não foi o primeiro a navegar pelo Rio Purus, pelo Rio Chandless, pelo Rio Acre, nem pelo Rio Juruá. Ele não fundou nenhum povoado, não instalou nenhum seringal e ele não colonizou nenhuma região do Acre.

Antes dele, o amazonense Manuel Urbano da Encarnação já havia percorrido o Rio Purus e o Rio Acre, já havia descoberto o atual Rio Chandless. Além disso, Manuel Urbano descobriu a primeira seringueira da região do Purus e fundou a cidade de Canutama, no Amazonas. Inclusive foi Manuel Urbano da Encarnação que designou o seu próprio filho Braz para acompanhar William Chandless e lhe mostrar onde fica o atual Rio Chandless. Também antes de William Chandless navegar pela Amazônia, o diretor de índios João da Cunha Correia já havia desbravado a região do Juruá. Também antes dele, o pernambucano Serafim da Silva Salgado já havia revelado o Rio Acre e explorado o Rio Iaco. E, finalmente, também antes de William Chandless navegar pela Amazônia, o sertanejo cearense João Gabriel de Carvalho e Mello, o Fundador do Acre, já havia colonizado a região do Baixo Purus, sendo

considerado o primeiro colonizador do Purus e do Acre. Além disso, João Gabriel foi o responsável pela fundação de cidades como Beruri, Lábrea e Boca do Acre, onde fundou vários seringais, inclusive o primeiro seringal do Purus e os primeiros seringais próximos à foz do Rio Acre.

Portanto, com toda certeza, qualquer um dos brasileiros supracitados (Manuel Urbano, João da Cunha Correia, Serafim da Silva Salgado, João Gabriel de Carvalho e Mello), pelos seus feitos, merecem muito mais do que William Chandless essas homenagens todas. Mas é aquela tal história, muito comum aqui em nosso país, onde se diz que “santo de casa não faz milagres!” É incrível, como nós brasileiros não damos valor a nós mesmos! O mérito de William Chandless foi o fato de ele ser geógrafo, ter sido enviado por uma instituição científica reconhecida internacionalmente e provir de um país que vivia o auge de seu poderio econômico na época, que era o centro das pesquisas científicas e da economia mundial e, aproveitando-se de tudo isso, ele enviou para a Inglaterra vários relatórios de suas viagens, que falavam de uma região até então desconhecida dos europeus. É bom lembrar que durante o período em que William Chandless esteve nas regiões do Purus e Juruá, outros inúmeros pesquisadores e cientistas ingleses também estiveram em outras partes da Amazônia, com a suspeita de que

por trás de tudo isso estava mesmo era o interesse do governo inglês de espionar a Amazônia brasileira, pois a Inglaterra estava em conflito com o Brasil desde o início do século XIX (Questão do Pirara) e as suas tropas já haviam invadido o atual Estado de Roraima. Não podemos esquecer nunca a invasão de Roraima e o roubo da seringueira pelos ingleses, fato este que acabou com o opulento ciclo econômico da borracha na Amazônia.

### **III - A colonização do vale do Purus**

Como se pode ver, até antes das incursões de Serafim da Silva Salgado e de Manuel Urbano da Encarnação pelas terras hoje acreanas, o Acre não existia para a sociedade civilizada. Muitos são os pensadores da Amazônia que ao longo do século XX explicaram o Acre como uma obra fundamental dos cearenses.

E dentre todos os cearenses que vieram desbravar a Amazônia, destaca-se o sertanejo João Gabriel de Carvalho e Mello, considerado o Fundador do Acre. João Gabriel foi o primeiro cearense a se instalar na região do Purus e Acre e foi o iniciador das correntes migratórias de nordestinos para esta região, desde as grandes secas de 1845 e 1877.

## **João Gabriel de Carvalho e Mello**

### **O Fundador do Acre**

#### Canto amazônico

Vou caminhando nesta longa estrada,  
por entre matas densas, verdejantes,  
e rios extensos, de águas espumantes,  
como a desafiar esta terra amada.

Na seringa vou ligeiro e varonil,  
se for preciso, vou até o horizonte,  
a me guiar pelo céu de azul anil  
e a margear igarapés, inúmeras fontes.

Na luz dos teus dias hibernosos e cálidos,  
ou nas tuas noites de lua cor de prata,  
quero estar no meio das tuas matas  
e falar com os teus índios impávidos.

Aqui estou eu, sem ardil, firme e forte,  
na tua terra fértil, querida Amazônia,  
a navegar por tuas fecundas entranhas  
e a render-me a ti, sou filho do norte!

#### Rogério Cavalcante

O historiador cearense Soares Bulcão escreveu a obra “O Comendador João Gabriel e a origem do nome Acre”, onde retrata toda a epopeia desse destemido cearense na conquista e colonização do vale do Purus,